

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

GUIMARÃES  
30 DE ABRIL DE 1886

## Os Martyres perante os Cesares

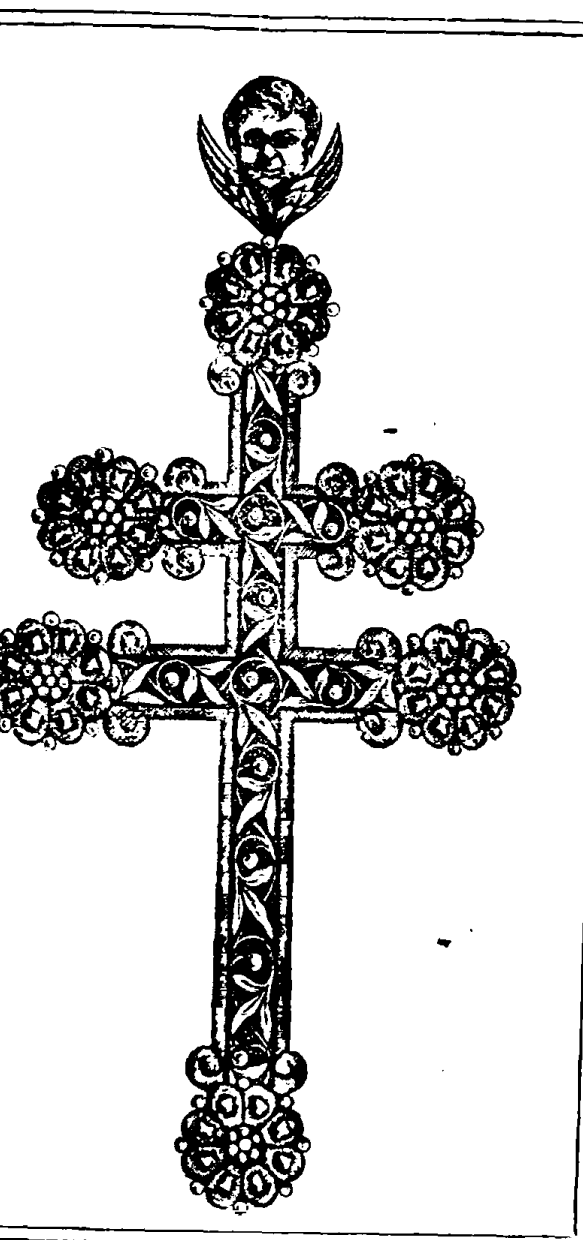
**E**o fanatismo e a crueldade dos Cesares que dam ordinariamente como a causa das perseguições aos christãos primitivos, um dos factos mais tristes da historia. No meu conceito, não foi isso o principal motivo; o crime foi mais politico que outra coisa.

Era em nome do Estado, em nome da soberania infringida e das leis violadas, que se agrilhoavam e se matavam os Christãos.

De que eram accusados elles? De atheistas, de inimigos do Estado, e de sediciosos contra as leis. E estas accusações que nos parecem tão pueris como odiosas, não eram injustas aos olhos dos Romanos, dada a theoria da liberdade antiga.

Entre os Antigos o cidadão é feito para o Estado e não o Estado para o cidadão. O Estado, para os Romanos, é o ideal, é o idolo magno, ao qual se suppõe todas as qualidades, todas as virtudes, todos os direitos; o Estado é a sociedade, é o interesse geral, é a razão, é a justiça; o Estado, é o pae univrsal de todos os cidadãos.

Dado o principio, as consequencias que d'ahi emanavam eram naturalissimas. Os Christãos eram atheistas porque não adoravam os deuses da patria, e para os antigos não haviam outros: eram inimigos do Estado, porque toda a segurança do Imperio assentava sobre a religião dos idolos vãos e a absoluta submissão do cidadão; e eram sediciosos, porque se reuniam clandestinamente desobedecen-



DESENHO DA CRUZ PEITORAL  
offerecida pela catholicos portuguezes, por iniciativa do jornal a «Ordem»  
AO EX.ºº E REV.ºº SNR.  
D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE  
Arcebispo de Goa.

A antiguidade não se elevára nunca acima d'esta noção: nem os Gregos, nem os Romanos teriam podido nada entender da theoria moderna dos direitos individuaes.

Sob um tal regimen, ai de quem se imaginar com direitos contra o Estado: elle é o unico senhor absoluto dos cidadãos; o individuo — isto é, a verdadeira liberdade, não existe em nada. Não quer dizer que não lograsse franquias o Romano; mas as que lograva era unicamente como membro do soberano, e não pela razão do seu ser.

E' o Evangelho que veio transformar a sociedade antiga; e aqui o affirmaremos, só como historiador, que em politica, bem como em moral e em philosophia, é o Evangelho que regenerára as almas. E' com razão que distamos da era christã; porque uma nova sociedade saíra do Evangelho.

Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus, havia dito o divino Mestre. Eis aqui simplificada toda a politica como toda a religião do Christo. Mas em que altura o Christo se colloca acima das ambições politicas:

«O meu reino não é d'este mundo!»

O seu unico objecto é a alma do homem; era por esta alma regenerada que quiz o Christo assenhorar-se da sociedade humana: o individuo conquistado assegurado está a conquis-

do a leis rivaes que prohibiam toda a sorte de congregação ou de associação.

Arrogando tudo a si o Estado, applica-se o caso estranho de ver-se um povo ao mesmo tempo liberrimo e opprimidissimo. Livre é o povo romano até á soberania: opprimido com relação á religião, á educação e á vida.

ta do Estado.

Que pedira o Christo? Submissão rasoavel á força armada para a protecção das leis; mas adoração para Deus unicamente. Pois não era isto até a lei da razão que não permite que o homem preste á creatura homenagem que só é devida ao Creador? Assim os preceitos

de Jesus se correspondem e se completam.

Aos reis diz: «O príncipe que não obedece a Deus não encontrará súbditos obedientes.» Aos povos repete: «Dae a Cesar o que è de Cesar;» a autoridade vem de Deus, è Deus que cumpre respeitar no rei.

Pergunta-se: tinham razão os Christãos primitivos n'essa persistente desobediencia á lei politica? Tinham. Elles cumpriam á risca com o preceito do Evangelho. E dar-se ha sempre desobediencia quando o Estado attribuindo-se direitos não seus, teme cegamente em não reconhecer nada fóra da sua soberania. Monarchia ou republica ha de ser sempre a tyrannia.

A lucta foi ainda mais encarniçada, quando esses reformadores animados do espirito de retrocesso, como Diocleciano e Maximiano, imaginaram poder dar ao Imperio uma vida nova. Mas o que pretendiam elles? A restauração de uma unidade que já não era possível voltar.

N'esta lucta entre a força brutal e a consciencia, entre a razão politica e a confissão da fé, não se conhece nada tão admiravel como a coragem dos Martyres. «Eram sublimes os martyres — disse Alexandre Herculano — quando perante os Cesares davam testemunho do Evangelho, e escarnecendo dos apparelhos da morte, se deitavam tranquillamente sobre a cruz da agonia.»

A Antiguidade nada nos conserva tão glorioso. Morrer como o immortal Catão, que com a sua propria espada traspassa o coração para não ver reinar sobre os seus conterraneos um despota triumphador, è um rasgo de uma heroica desesperação; mas morrer para não offender a Deus e nem faltar á verdade, è coisa mais elevada e melhor: è a santidade.

E' d'esta santidade que nos veio a liberdade moderna; porque a liberdade religiosa è a raiz de todas as liberdades.

Ha n'isto tantas e tão grandes recordações, que nada pôde fazer apagalas.

Pensam acaso os mestres da *nova sciencia critica*, ou melhor os sectarios da impiedade philosophica que, com um feixe de anecdotes absurdas lançadas todas as manhãs ao vento da publicidade sobre frades e jesuitas, monachias e beaterio, ultramontanismo, e reacção, nos poderão desligar de uma historia como a do Christianismo, ou de uma Igreja como a de Roma? Oíçam o que dizia um eminente estadista e escriptor illustre: «A religião catholica não è de hontem: os detractores actuaes não são mais poderosos que os antigos; o que se argumenta hoje foi dito hontem; e apesar d'isso o dogma prevaleceu; a fé conquistou palmo a palmo o

ascendente; e o Filho do Homem conhecido e adorado viu o joelho dos Cesares curvar-se diante da sua coroa do espinhos (1).

Qual era o crime dos Martyres? A confissão da verdade. De que delicto os accusavam? Da firmeza de consciencia! Porque padeciam? Pela liberdade da palavra.

A Igreja tambem hoje não poderia subsistir sem a liberdade de associação e de propaganda, de ensino e de caridade. E' por isso que nos paizes que não são livres, ella busca a protecção do Estado. Para cumprir a sua missão, è lho indispensavel absolutamente a liberdade; a Igreja aceita a como um privilegio quando a não pôde obter como um direito.

Todos os estadistas perseguidores da Igreja foram, nem mais nem menos, os perseguidores da liberdade do individuo: não digo a liberdade politica ou civil, mas a liberdade moral, a que nos faz homens.

Como intelligencia, o homem tem o direito de conhecer e de communicar a verdade; como ser moral, tem o direito de praticar a virtude e de ensinar os outros; como ser religioso, tem o direito de communicar com Deus, e de receber as suas inspirações e dons. Liberdade de verdade, liberdade de graça, e liberdade de virtude, eis aqui todo o poder da Igreja, todo o seu direito, e creio, toda a sua ambição.

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O Inferno



INFERNO! Quem falla em semelhante velharia na epocha actual?

Em tempos de luz fulgurante, que inundam todas as intelligencias, não se admittem ideias do tempo das trevas que já lá vai ha muito, para dita da humanidade. Quando muito, o inferno ainda poderá ser creença supersticiosa de meia duzia de beatas caducas, ou papão com so que callem creancinhas de peitos.

E, todavia, em que pese aos incredulos e aos viciosos, existe um lugar de castigos em outro mundo, chama-se-lhe inferno ou dê-se-lhe outro qualquer nome, porque o nome pouco faz ao caso. Nunca houve religião, por mais falsa e absurda que fosse, que não cresse nos premios e castigos futuros. Na religião mosaica, a unica verdadeira antes do advento do christianismo, abundam as provas d'essa creença firme

e universal. Na religião, fundada pelo proprio Filho de Deus, temos a confirmal-a a palavra frequente e os ensinamentos celestes de Jesus Christo.

Repugna aos descrentes que se falle em inferno; accusam os missionarios ou prégadores que lembram aos fieis a punição eterna que soffrerão os peccadores endurecidos e impenitentes, de terroristas e de ministros d'uma religião toda ameaças e horrores, que não pôde ser a religião do doce, do meigo, do manso Jesus, e perseguem-n'os com o seu odio, com as suas deatribes e com as suas calumnias.

Esses taes não leram o Evangelho, aliás lá veriam o doce Jesus, por mais que uma vez, fazer uma pintura aterradoradora da mansão das eternas penas, traçar um quadro horroroso do dia do juizo tremendo e final. Tambem Elle, o mais puro e santo dos homens, porque era o Homem-Deus, queçeria explorar por meio do terror o animo dos seus ouvintes?

Mons. de Ségur, a cuja penna incansavel e sapientissima se devem tantos livros preciosos de propaganda catholica, reproduzidos em multiplicadas edições francezas e traduzidas em todas as nações christãs, occupa-se magistralmente n'um d'elles do *inferno*, intitulado-o «*O Inferno—se existe o—que è—e como poderemos evital-o.*»

Este bello e utilissimo livro acaba de ser vertido e publicado pelo snr. Antonio dos Santos Castro, do Porto, dedicando o seu proficuo trabalho ao em.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. D. José III, Cardeal Patriarcha de Lisboa, e pondo-lho um preço accessivel ainda ás mais escassas bolsas, qual o de 60 reis no Porto e 65 pelo correio, brochado, e 120 e 130 respectivamente, encadernado.

Vulgarizar uma das magnificas obras de Mons. Ségur, e sobretudo acerca de assumpto tão importante, è certamente uma acção meritoria, que torna credor o snr. Antonio dos Santos Castro de muitos louvores. Eu por mim de todo o coração aqui lhe consigno os meus, bem que humildes, sinceros.

Leiam o *Inferno* de Mons. Ségur os crentes, para se confirmarem na sua fé, e não menos, visto estarmos n'uma epocha de combate, para colherem argumentos com que refutem victoriosamente os sophismas dos incredulos; leiam-n'o tambem estes, se è que os anima o desejo de alcançar a verdade, e flo que não perderão o seu tempo.

Porto—abril de 1886.

A. Moreira Bello.

(1) *Fastos da Igreja*, por L. A. Rebello da Silva.

## Causas da duvida em materia de Religiao

(Continuado de pag 123)

### III

**E** CERTO, sem embargo, que nos vemos obrigados a admitir a relação de Moysès, sob pena de appellarmos para qualquer outra explicação tão extraordinaria como aquella, quer seja, por exemplo, uma appareição repentina, quer uma formação progressiva.

A questão da origem do mundo abrange tambem alguma cousa, que é igualmente difficil incluir na serie dos factos ordinarios.

Adoptar um systema, seja qual for; chamar em seu auxilio Deus ou cahos, a historia ou a fabula, a razão ou a imaginação, tudo é indifferente no que diz respeito á precedente questão.

O problema sobre a existencia dos seres estabelece-se sempre sob esta base: é impossivel explicar a existencia e a ordem do universo sem que a maravilha detenha os nossos passos.

Quando em serena noite desdobra o ceu ante os nossos olhos o seu manto azul escuro, cravejado de diamantes, que é o que occulta por detraz d'essas profundidades? Que significam esses globos que ha tantos seculos scintillam na immensidade do espaço, proseguindo as suas revoluções com uma regularidade que jámais se altera? *A evidencia é o excepcional; o normal o mysterio.* A natureza íntima das cousas, encerra tal grandeza, que zomba de todos os esforços da razão.

Se acaso não parecemos esta grandeza e este mysterio, é isso devido exclusivamente á nossa irreflexão.

Quando o homem se abstrae e considera o vasto encadeamento dos seres, immensidade em que se extravia, achase dominado por um profundo sentimento, mixto de altivez e de abatimento, de alegria e de terror.

Quão pequena lhe parece então esta philosophia que, aferrada ao ordinario e vulgar, sente horror ao extraordinario e mysterioso!

«Cita-me um systema que careça completamente do mysterio», dizia o proprio Rousseau.

Addicionemos a todas estas cousas a necessidade do progresso, proclamada por toda a parte, pretensão justa em si e bem fundada na verdade, mas que com exaggeração abusiva se estende até á mesma essencia da religião, até ao que constitue o mais intimo de sua substancia, e depois de observarmos isto, admiremo-nos vendo que a religião positiva cede ante o conjuncto de prejuizos que pesam sobre os espiritos, e vendo que o mancebo a desdenha como pueril,

e a entrega ao esquecimento como os brinquedos que entretiveram a sua infancia.

Porém tão depressa abandona esta alma a fé da sua mocidade, recebe em troca o germen d'uma luta dolorosa, que dura toda a vida.

Quantos conhecem o mundo e a vida, quantos teem o costume de se observar a si proprios, responderão com toda a certeza que esta juntura é a historia exacta da vida intima de multissimos homens.

Verdade é que muitos conseguem, depois de terem cahido na duvida, a dita de salvar a sua fé como d'um naufragio, e que depois guardam joia tão apreciada com um amor e um cuidado tanto maiores, quanto mais proximos a perdel a se viram.

Mas tambem, quantos andam ao acaso no mar da duvida, sem poderem fixar ancora em nenhuma convicção solida e firme, arrastados de uma a outra parte *pelos impulsos de mil doutrinas*, se encontram victimas de intestina guerra, que devora e aniquila as suas mais brilhantes faculdades, incapazes de considerar a vida com elevação sufficiente para a apreciar com animo sereno, e para encarar Deus e a sua consciencia sem turvação nem receios.

As principaes d'estas cousas serão: certa repugnancia a reflectir em si, o medo a um exame consciencioso da religião, o completo abandono com que muitos se entregam ás dissipações da vida exterior, uma cabal indifferença para tudo o que rebaixa o nivel dos interesses terreaes, e como consequencia, muitas ideias falsas, mil prevenções, e não poucas vezes a ignorancia mais crassa, ia dizer mais grosseira, em questões religiosas e philosophicas muy profundas.

«O que falta a muita gente, afirma Fénelon, não é por certo a religião, mas sim o entendimento.»

Muitos sentiam em seus annos juvenis uma especie de attracção instinctiva para um mundo superior: as palavras *Deus, Verdade, Immortalidade*, encontravam em sua alma, poderoso eco; mas depressa cessou de operar essa mola.

O peso da vida real paralysoa a natural aspiração ás cousas elevadas. Toda a actividade se concentrou cada vez mais, de dia para dia, no estreito circulo do tangivel, do material, do util.

O estado e a profissão estreitam ainda o circulo do pensamento, marcando á attenção uma direcção determinada e uniforme.

Os deveres de estado e o trabalho que preserevem, absorvem todo o tempo, toda a energia do homem.»

A semi-cultura intellectual, diz Hubert Beckers, que se satisfaz com des-

florar tudo, que passa rapidamente sobre as superficies das cousas, e que nada profunda, offerece perigos tanto maiores, quanto é certo, que o campo da sciencia se dilata todos os dias, as exigencias da verdadeira instrucção vão em augmento, e vemo-nos expostos a não segurar cousa alguma querendo abranger tudo...

A malefica influencia moral d'esta dissipação das forças do espirito, d'esta especie de evaporação intellectual, ostenta-se principalmente em certos casos em que chega até ao absoluto desprezo, por quanto tende a elevar-se sobre seguro, na esphera da sciencia e na da vida; este desprezo vao acompanhado sempre da mais grosseira e desenfreada desmoralisação.

A instrucção religiosa, pela sua parte, tambem não caminha; permaneco tal como foi na infancia, sepultada, esquecida sob o pó dos quotidianos que fazeres, dos cuidados e das penas, das dissipações e dos gòsos.

Todas as faculdades e forças do homem se desenvolveram: sómente se pouca e fenece o sentimento religioso, que é apesar de tudo o primeiro de nossos attributos naturaes.

Cultivam-se todas as aspirações do espirito, excepto a mais profunda, intima e essencial, que permanece deserta, esteril e desolada, como um campo inculto e baldio.

N'esta grande liça aberta á vida, em que se lançam e concorrem todos para conseguir o premio da riqueza, do prazer e das honras, quão poucos teem tempo e vontade para se dedicar a cultivar com paz e socego a terra sagrada do seu espirito!

A immensa maioria nem mesmo se lembra de que tem uma alma.

É um facto incontestavel e psicologicamente necessario, que á medida que um homem se entrega á buliçosa vida do mundo exterior e a seus gòsos, grosseiros ou apurados, sensuaes ou estheticos, se enfraquece n'elle cada vez mais o mundo interior, e se esgota a unica vida verdadeira, a vida espiritual.

Quanto mais se vive n'este turbilhão de negocios, occupações e prazeres, mais profundas são as impressões que deixa após de si uma vida consagrada ao nada das cousas sensiveis e transitorias.

Quando a alma se submerge n'esso elemento de corrupção, e se abysma nas ondas das cousas terrenas, não pôde levantar-se nunca. Esquece-se que ha uma vida e um mundo diverso d'este que nossos olhos vêem e tocam nossas mãos.

Como se ha-de desejar aquella em que não pensamos sequer?

O sentimento religioso apaga-se, o coração morre.

As nossas modernas theorias economicas têm o grande inconveniente de

não conhecer outro fim da vida social senão o de offerecer a maior somma possível de gózos ao alcance do maior numero possível de participantes. O fim indica o meio, e o dinheiro é tudo para viver.

Conhecer a fundo as propriedades da materia para gosar melhor a materia: eis aqui toda a civilisação para os economistas.

Segundo elles, o espirito humano cumpriu dignamente a sua missão, tocou a meta do seu destino sómente com multiplicar os gózos e minorar as misérias d'esta vida, e descobrir o segredo de passar cá por baixo uns poucos e passageiros annos de commoda e agradável existencia.

Ainda que divididos ácerca d'outros principios, todos os partidos politicos estão d'accordo n'isto.

Os communistas, porém, foram os unicos que desejaram applicar-o até ás suas ultimas consequencias, em tanto que os outros paravam a meio caminho.

N'este systema a educação e o ensino não-de revestir forçosamente o mesmo caracter que a theoria, e são communistas e utilitarios.

E apesar d'isto, assim como a razão acha na fé o seu ultimo refugio e a sua garantia, assim para o melhoramento da vida physica só encontramos direcção fecunda e progresso seguro na subordinação dos interesses materiaes aos mais elevados da ordem intellectual e moral.

E' preciso, quer com relação ao individuo, quer com relação á sociedade, que o desenvolvimento economico não estorve nem impeça o desenvolvimento religioso, moral e artistico, disse um professor de economia politica.

A vida economica e material habita uma região inferior; é necessario que prenda com a vida superior do espirito, da mesma maneira que o meio prenda com o fim; é necessario que a materia se ponha ao serviço do espirito, afim de que o espirito a remunere a seu turno, moralisando-a e espiritualisando-a.

A vida economica morre se se separa da lei moral e religiosa; corrompe-se quando se afasta das ideias do bem, da belleza o da verdade.

(Continúa).

\*\*\*

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a razão

#### VIII

#### Divindade de Jesus Christo

(Continuado de n.º 10)

**J**ESUS recebeu antes de morrer celestiaes consolações: Pilatos reconhece a sua innocen-

cia, e a natureza soffre um horroroso abalo ao consummar-se o sacrificio: resuscitando do sepulchro, apresentou-se de novo a seus discipulos, e sobe finalmente ao ceu, depois de lhes ter dado as ultimas lições sobre a doutrina que havia de conquistar, o mundo inteiro.

Que maiores provas de grandeza e esplendor podem exigir-se? A grandeza consiste só nas riquezas de Cresco ou na barbara gloria de Alexandre?

Cresco e Alexandre morreram, e seus nomes são apenas conhecidos por um reduzido numero de litteratos; mas o Redemptor deixou-nos imperecível recordação de seus feitos e doutrina, que jamais poderá apagar-se da memoria dos homens: que grandeza mais alta que esta?

Jesus Christo annunciou repetidas vezes a sua divindade: será crível que Elle pudesse ensinar uma mentira, desacreditando necessariamente a sua propria obra?

A propagação do christianismo, fundada em semelhante embuste não teria feito tão rapidos progressos, porque os formidaveis inimigos que se conjuram contra a nascente Egreja não se teriam esquecido da razão mais poderosa para combater-a com exito seguro.

Cumpre tambem considerar-se que o verdadeiro e o falso se repellam, e que Christo, auctor das verdades evangelicas, não podia mentir, porque não é possível existirem dois principios encontrados.

Que absurdas conquencias não se deduzem de tão horrivel hypothese?

Veríamos a impostura dominar o mundo, offuscando o criterio de innumeraveis povos que teem professado o christianismo: os judeus teriam praticado somente um acto de justiça castigando um impostor, e o proprio Deus teria sido muito injusto em affligir aquelle povo com os rigores da fome, da peste e da guerra, arruinando a sua cidade e dispersando pela terra aquella nação desventurada. Ver-se-ia a moral mais sancta apoiada na impostura mais vil, e a verdade e a mentira no mais repugnante consorcio.

Jesus Christo, auctor da verdade d'uma doutrina tão sublime, não podia dizer mentiras. Os seus maiores inimigos não poderam accusalo de peccado algum, nem Josepho refere acção culpavel que manchasse a sanctissima vida d'aquelle homem extraordinario, accusado somente de chamar-se Filho de Deus, como Tacito refere.

Pilatos sentenciou-o por temor aos judeus, quando elles começaram a pôr em duvida a sua amizade para com o Imperador, cuja confiança perderia se chegassem a Roma semelhantes suspeitas.

Christo prophetisou sua morte, a negação de Pedro, a traição de Judas, as funestas consequencias que adviriam ao povo e a sua total dispersão depois da ruina do templo e da cidade.

Vemos realisadas com admiravel exactidão estas prophcias; o templo permanece destruido, apesar dos esforços do imperador gulliano, e o povo hebreu vai com mais de dezoito seculos de dispersão pelas nações da terra.

Estas provas demonstram a divindade do Redemptor, porque não é dado ao homem conhecer com exactidão tão admiravel os futuros contingentes, ou os acontecimentos vindouros que não são necessarios.

E' verdade que os prophetas annunciaram acontecimentos futuros, mas não o fizeram com tanta precisão, e Jesus não pôde ser propheta, porque resuscitou d'entre os mortos, como adiante provaremos; logo foi o proprio Deus que tomou natureza humana para cumprir o mysterio da Redempção.

Como bons christãos e fieis catholicos, não deixemos um momento de repellir com horror as blasphemias que os impios ensinam contra a divindade de Jesus Christo, e de crer n'este dogma, base e fundamento da nossa religião; dogma que os prophetas vaticinaram, que o proprio Redemptor ensinou, que os Apostolos, os escriptores martyres e confessores creram.

Acreditemos sem temor o que creram e crêm tantos milhões de christãos que a nossa Egreja conta nos dezenove seculos que leva de existencia, porque desapareceria o christianismo se os incredulos provassem o seu argumento impio; erro que é na verdade o ariete mais terrivel levantado contra o inexpugnável muro da religião catholica.

Receba a divindade de Jesus Christo a seguinte homenagem arrancada á admiração de João Jacob Rousseau pela leitura dos sanctos Evangelhos.

«Como será possível que um livro a um tempo tão sublime e singello, seja obra dos homens? poderá crer-se que não seja mais que um homem aquelle que esse livro historia?... O Evangelho tem um caracter de verdade tão grande, tão evidente, tão inimitavel, que o inven-

«tor seria mais digno de admiração  
«que o heroe (1).»

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrijo

## SECÇÃO HISTORICA

D. Francisco d'Almeida

1.º Vice-Rei da India

(Continuado do n.º 20 do 7.º anno)

### II

**N**ASCEU D. Francisco d'Almeida no meado do XV seculo, sendo seu pae o primeiro conde de Abrantes, pelo que era aparentado com a primeira nobreza do reino.

Quando D. Affonso V invadui a Hespanha apparece-nos já D. Francisco d'Almeida na companhia do rei, em cuja campanha serviu com extraordinario valor, tornando-se distincto na batalha de Toro. Acompanhou o mesmo monarcha a França, e foi escolhido entre todos os fidalgos para dar parto a Luiz XI da chegada do seu rei, porque só elle podia dar uma edeia, na corte de França, do que era a corte de Portugal.

Morto D. Affonso V, e não sendo D. João II rei tão amigo de longas correrias por terras africanas, e não podendo D. Francisco d'Almeida estar com a espada occiosa, obteve de El-Rei licença para ir em Hespanha combater no exercito dos reis catholicos Fernando e Isabel, que a esse tempo se empenhavam em levantar a cruz sobre os ultimos restos do poder musulmano na peninsula.

E tanto se tornára notavel o nosso heroe, foram taes as proesas praticadas por elle, com especialidade no cerco de Granada, que os reis catholicos lhe quiseram conceder as maiores honrarias e recompensas, que o bravo soldado portuguez recusou, dizendo, que as recompensas as receberia do seu rei.

Ao voltar a Portugal foi recebido com grandes honras, chegando a ser convidado para a meza do rei, graça que era então das mais elevadas.

A 25 de março de 1505 partia D. Francisco d'Almeida para a India, como 1.º vice-rei de aquelle estado, cargo que era o mesmo que o de verdadeiro monarcha do Oriente portuguez. Era o mais bravo dos capitães portuguez que hia no Oriente representar D. Manoel, o monarcha afortunado. Na sua viagem obriga Mombaca, cidade

africana, a reconhecer o dominio de Portugal, e uma vez na India tudo se pôe em respeito diante do valente guerreiro.

Em uma batalha naval derrota o poder do samori de Calicut, põe em fuga as forças que cercavam Cananor, heroicamente defendida por Lourenço de Brito, e constitue em Cochim a primeira fortaleza onde arvorou a bandeira de Ourique e Aljubarrota.

Valente na guerra, era D. Francisco de Almeida consumado politico, diplomata de fino criterio, ao que se devem os alicerces em que firmou o dominio portuguez na India, e o respeito que todos os povos do Oriente tinham ao nome de Portugal.

Em meio, porém, das pompas orientaes e das glorias portuguezas em tão longinquas paragens, veio um desgosto empanar o brilho de tão feliz vice-reinado.

Seu filho D. Lourenço commandava a esquadra do norte, e por inesperienza aceitou batalha em Chaul com uma frota turca, onde foi vencido e morto. O pae ao saber a triste nova, não chorou, não deu signaes de tristeza, mas ficou desde então sendo outro homem, esperando só occasião de vingar a morte do filho, e a afronta soffrida pela marinha portugueza. E terrivel foi a vingança. D. Francisco de Almeida sae de Cochim com uma poderosissima armada, e procura Mir-Hussein, o vencedor de seu filho. No caminho, as terras por onde passava conhecião o passar do flagello de Deus, porque uma horrivel carnificina deixava apoz o primeiro vice-rei da India um rasto de sangue e montões de ruinas e cadaveres. Dabul foi arrasada completamente. A 3 de fevereiro de 1509 encontrou-se a frota do Vice-Rei com Mir-Hussein, em Dio, derrotando-o completamente, resgatando os portuguezes presos que tinham sido companheiros de seu filho. Foi então, ao abraçar estes bravos que as barbas brancas do velho guerreiro se arrojaram de lagrimas. Chorou então o filho!

Depois de deixar o seu nome vinculado ao imperio do Oriente, nas obras que levantára, nas guerras em que tornara glorioso o nome de Patria, e no governo que fizera, voltava a Portugal para receber as recompensas que merecem os heroes; mas ao passar o cabo da Boa Esperança, desembarcou ali e n'uma ligeira escaramuça que tivera com os Cafres foi ferido mortalmente por uma azagaya, ficando sepultado nos areaes de Africa o maior dos vultos da nossa historia de então. Nem uma campã tivera na terra da Patria a cobrir-lhe os ossos o 1.º Vice-Rei da India!

São mais felizes os guerreiros de hoje que, passando o tempo em cam-

panhas ejetoras e em intrigas cortesanas logram depois ter pomposos sarcofagos, quando não encommoñam ainda os transeuntes do sobre algum pedestal onde os elevam os irm.º.

R.

## SECÇÃO CRITICA

Colombia

**U**MA das Republicas da America tem o nome de Colombia, tirado do *Christovão Colombo*, Rosentamente tem-se dado um conflicto entre a designada Republica e o reino de Italia por causa de um sequestro feito nos bens de um *Signor Cerruti*, subdito italiano, ordenado pela Authoridade competente da Republica, Sequestro que deu occasião a que entrasse no conflicto o *Carcobianchi* commandante do navio *Flavio Giota* da esquadra italiana, que se achava n'aquellas aguas.

A questõo augmentou de proporções, e a ponto de ser *antierista* a interrupção das relações diplomaticas e até uma guerra colombo — italiana.

*Rebus Sic Stantibus* o Governo da Colombia teve o bom pensamento de propôr a *Mediação* ao Soberano Pontifico, felizmente reinante, para assim ser terminado o conflicto e pelo modo mais digno, vindo a ser um *Segundo Acto* depois da *Mediação* realisada na questõo das *Ilhas Carolinas*, e com pequeno intervallo. Mas o Governo italiano *repelliu desdenhosamente* a pomposa *Mediação de Sua Santidade*, e foi então que a Colombia se inclinou á *mediação* da Hespanha.

De um Governo de *Revolução* era o que havia a esperar; mas fica em pé a *lição* que levou do Governo da Colombia! Bismarck, auctor do *Kulturcampf* e o homem politico agora o mais poderoso na Europa, tomou a iniciativa para pedir a *Mediação* de Sua Santidade Leão XIII. O Governo italiano, apenas parte pela *praça-fora* da *Revolução*, repele-a; tanto é certo que este mesmo Governo tom a consciencia da injustiça sacrilega com que se assenta em Roma. Gioberti a quem a *Revolução* erigiu uma estatua em praça publica de Turim, disse; o Romano Pontifico é *il primo cittadino — italiano* — o primeiro cidadão italiano e o Governo intruso em Roma repelle a intervenção do Papa como a de um inimigo da Italia. Se Sua Santidade accitaria o ser *Mediador*, sendo um dos *mediados* o invasor em posse dos Seus Estados, é ponto de que não devermos occupar-nos,

(1) J. J. Rousseau. Emil, I tom II.

pois que o Soberano-Pontífice bem saberia como resolver-se! Se fosse possível afastar mais os Catholicos do Governo italiano, a repulsão mencionada seria bastante para assim o fazer.

O Governo de El-Rei Humberto, recusando a *Mediação* do Papa, offendeu todos os Catholicos. Pode-se esperar que o Imperador dos Turcos peça os bons officios do Soberano Pontífice; o Governo italiano *regeita* os *desdenhosamente* como foi dito na Italia—«Il Governo nostro respinse Sdegnosamente tale proposta, e por isto o Governo da Colombia offerreceu em vez o arbitrato da Hespanha. O Governo hespanhol decediu estudar a questão. O Principe de Bismarck glorificou pela *Mediação* não só Leão XIII, mas tambem o Papado, como disse mui acertadamente um notavel *Escriptor*; o Governo italiano não quer glorificar o Papa que está regendo a Igreja de Deus, nem o Papado, contonta-se em ter *Seu prisioneiro* o Soberano-Pontífice, porem «O Todo-Poderoso» fará repetir o «*Veni-forus!*»

Chegando a um lugar a noticia de que Sua Santidade Pio IX estava *prisioneiro* no Vaticano, disse logo ali um homem douto: «Deus já tem escolhido o Anjo, ou o homem, que o ha-de libertar!» E' essencial para a paz no Mundo que o Papa goze de toda a sua liberdade de acção, o que é gravemente contrariado pela usurpação dos Seus Estados ainda agravado pelo *encarceramento* de Sua Sacra Pessoa! A *repulsa* do Governo italiano tem o valor de uma *confissão de recu*, que não ousa buscar relação alguma com o offendido antes do o ter *desaggravado*, o isto repugna á *Revolução*, que ó e só póde ser injusta. Na prisão *Almestina* teve prisioneiros o antigo Paganismo *Pedro e Paulo Apostolos*; no proprio Vaticano têm sido encarcerados pelo *Paganismo moderno* Pio e Leão, Successores Pontíficos; os *ferros quebráram e quebrarão* ao *Acêno* de Deus.

D. Antonio de Almeida.

## Os missionarios em Barcellos

(Continuado do n.º anterior)

**A** FREGUEZIA da Graça deve dar muitas graças ao ceu por lhe conceder missionarios tão bons, tão doutos, tão sympathicos, e que, por isso, tantas saudades ali deixaram. Foram dois anjos que Deus Nosso Senhor enviou áquella freguezia a indigitar-lhe o caminho da virtude, o caminho que conduz á bemaventurança eter-

na. Não *terrorisavam a gente*, como disse a imprensa anti-catholica de Barcellos. Eram ambos—tudo bondade, tudo mansidão, tudo misericórdia e amor. Tanto isto é verdade que nem o sr. Fr. Domingos, que já havia missionado em Barcellos, nem o sr. Fr. Manoel, prégaram do inferno, do juizo final, etc., como costumam fazer outros missionarios.

Quaes seriam, pois, os «*terrores*» dos «*jesuitas do Varatojo*», em Barcellos, «*terrores*» que, segundo disseram as más linguas d'ali foram a causa da monomania d'uma mulher? E' segredo (mas já muito sabido) d'aquellas más linguas. O que, porém, desde já podem saber os senhores de Barcellos *tão amigos* dos missionarios varatojanos (e de todos os missionarios) é que a missão que o sr. Fr. Domingos e Fr. Manoel deram na freguezia da Graça a ninguém fez endoidecer, ninguém ali perdeu o juizo por tal motivo.

Mas deixemos isto.

A concorrência á missão foi enorme apesar do tempo chuvoso que se apresentou. A igreja da Graça, pastoque bastante espaçosa, não podia conter toda a gente que affluira á missão, principalmente nos dias em que se prégava de tarde. O côro, a sacristia, tudo estava repleto, e, ainda assim, dias houve em que um terço ou mais dos ouvintes escutavam a palavra de Deus fóra da porta principal e lateraes. Aconteceu isto nos dias 14 e 19 de Março, dias em que a concorrência foi demorada. Escusado é dizer que as mulheres, na igreja, não estavam sentadas.

Para que os leitores saibam que os não enganamos, relativamente ao concurso de povo, vamos dizer-lhes que além dos habitantes da freguezia da Graça, concorreram á missão muitas pessoas das freguezias da Pousa, de Martin, de Encourados, de Cabreiros, de Tibães, de Semelhe, de Parada, de S. Jeronymo, de Frossos, de S. Pedro de Merelim, de S. Paio de Merelim, de Panoias, de Cabanellas, de S. Romão da Ucha, de Cervães, algumas da cidade de Braga e de outras terras mais longinquas! Por aqui se vê a grande concorrência que houve.

Mas se ella foi grande, tambem grande foi o numero de confissões. Estas principiaram, como já dissemos, no quarto dia da missão. Logo no fim das praticas se assentavam no confissionario os dignos missionarios. Quando não havia pratica de manhã, mas só sermão de tarde, faziam-n'o logo depois de celebrarem o Santo Sacrificio da Missa, e lá estavam a confessar até ao meio dia. As pessoas d'ambos os sexos que desejavam lavar suas almas na piscina da Penitencia, eram, em todos os dias, muitas, e, por conseguinte, os

bons missionarios não podiam ouvir de confissão a todas. Foram, pois, auxiliados pelos padres d'aquella freguezia—o reverendo sr. Abbado Joaquim José Gomes d'Oliveira, P.º Antonio José d'Oliveira, P.º Manoel José da Costa, e P.º Joaquim José Soares. Tambem lhes prestaram muito auxilio nas confissões, alguns dias, os rev.º srs. Parocho de Gual M. F. Loureiro, P.º Custodio Fernandes Pereira, de Amares, e o P.º Francisco Pinto Novaes, de Nime. Se alguns individuos ficavam sem se confessar n'um dia, no dia seguinte eram os primeiros que se ouviam de confissão.

Foi tal a affluencia á confissão que, nos dias 17, 18 e 19 de Março, receberam a Sagrada Eucharistia mais de 800 pessoas!!!

Individuos inimigos se reconciliaram; ligaram-se pelos laços do matrimonio duas pessoas que viviam escandalosamente; fizeram-se algumas restituições, e um individuo que nos primeiros dias escutou a missão e escarneckia d'ella, indo mais alguns dias ouvir os missionarios, não só se confessou e recebeu o Pão dos Anjos, mas tambem deu ao sr. Abbade da Graça uma esmola para lhe tornar mais leve a despeza que fazia com os apostolos da verdade!

A missão durou apenas 20 dias conforme ordenára Sua Exe.º Rev.º o Sr. Arcebispo Primaz. Terminou, pois, no dia 19. dia de S. José, por um magistral sermão que, pelas 2 e meia horas da tarde, fez o sr. Fr. Domingos a um numeroso auditorio. Houve, no fim do sermão, benção papal.

O sr. Fr. Domingos retirou-se da freguezia da Graça logo no dia seguinte de manhã cedo.

Os bons missionarios implantaram ali a *Devoção* ao Coração de Jesus. Logo que fallaram n'ella, muitos soldados se alistaram sob tão luzente bandeira, soldados que hão de pagnar valentemente em defeza do labaro sacrosanto a cuja sombra se abrigaram.

No dia 26, pelas 8 horas da manhã, houve a consagração dos zeladores e zeladoras ao Coração de Jesus, cerimonia muito tocante, sendo precedida d'uma esplendida e commovente pratica feita aos mesmos zeladores e zeladoras pelo sr. Fr. Manoel. As muitas pessoas que estavam na igreja não poderam conter as lagrimas.

Depois d'isto o sr. Fr. Manoel met-teu irmãos da Ordem Terceira 118 pessoas d'ambos os sexos, gastando n'este aturado trabalho todo o tempo até ao meio dia. Muitos homens e mulheres que ficaram sem se metterem irmãos, do que tinham immensa pena, fizeram-n'o no dia seguinte, a cuja fadiga se prestou ainda o sr. Fr. Manoel até as





AS FESTAS DA PASCHOA.

10 horas. Entraram irmãos na Ordem Terceira 200 e tantas pessoas d'ambos os sexos!! A admissão de irmãos em tal Ordem foi terminada com a benção do SS., havendo *Tantum Ergo e Genitori* a instrumental. Estavam, pois, ás 10 e meia horas da manhã do dia 21, rematados os trabalhos do snr. Fr. Manoel, na freguezia da Graça.

O snr. Fr. Manoel partiu ao meio dia para Braga, sendo acompanhado até lá pelo snr. Abade da Graça, pelo P.º Joaquim José Soares, por Manoel José Barbosa, por alguns zeladores, do Coração de Jesus a outros homens.

Tanto junto á igreja da Graça, como á estrada que d'aquella freguezia conduz a Braga, estavam, aqui e além, muitas pessoas para verem (quem sabe se alguém pela ultima vez) o snr. Fr. Manoel, e pelo rosto de todas corriam abundantes lagrimas de saudade. Bem merecedores eram d'ellas os angelicos missionarios.

Concluimos pelas palavras com que principiamos:

Só não quer missões quem não conhece o saboroso fructo que d'ellas se colhe, e quem não quer conseguir a bemaventurança eterna. (1)

\*\*\*

Que lhes parece d'isto, ó srs. gazeteiros da *geringonça barcellense*? Na freguezia da Graça, nenhuma *desgraça*, nenhuma cabeça tóla por causa da missão!!!

*Proh pudor!*

Que dores, que angustias para aquellos gazeteiros o não acontecer na freguezia da Graça nada do que ambicionavam! Tenham, porém, paciencia que é o remedio de todas as dôres: *Cuivis dolori remedium est patientia*.

Agora uma petição ao «Primeiro de Janeiro». Já que o jornal de 10 reis foi tão solícito em transcrever as asneiras que disse a «Ideia Nova» de Barcellos acerca da missão que lá se deu, transcreva tambem alguma cousa (não peço muito) da noticia da missão que se effectuou na freguezia da Graça.

Não se esqueça d'isso.

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

## SECÇÃO PARLAMENTAR

### O Clero na camara dos Deputados

#### II

Discurso do Rev.º Snr. Dr. Santos Viegas, pronunciado na sessão de 26 de fevereiro ultimo

(Continuado do n.º anterior)

**S**exc.º sabe que, sendo a religião catholica apostolica romana a religião do estado,

(1) «Commercio do Minho» de 30 de Março

ao mesmo estado compete dar aos ministros d'essa religião os meios para viverem independentes. A lei existe, mas é letra morta.

Se, pois, o snr. ministro deseja tomar em consideração o meu pedido, ou antes, se quer dar cumprimento á lei, que o auctorisa a fazer essa circumscripção, bom serviço prestará, e n'essa parte, como em outras propostas de lei que apresente, e se referirem á classe ecclesiastica em beneficio da igreja, serei o primeiro a tomar conta d'essas propostas para lhes dar o meu humilde apoio. Oxa lá eu tenha de louvar-me e de louvar o nobre ministro por mover-o a pôr ao serviço da solução d'este problema a sua sabedoria, o seu bom nome, e o desejo de bem servir o seu paiz.

A terceira pergunta que desejo fazer é a seguinte, e esta é grave, porque é uma questão de dignidade nacional.

Refiro-me ao cumprimento do artigo 2.º da lei de 20 de abril de 1876. N'essa lei dava-se auctorisação ao governo para proceder á circumscripção diocesana, e no artigo 2.º dizia-se terminante que apenas feita essa circumscripção, se *procederia immediatamente nos termos legais á fixação dos quadros capitulares*.

Entrou como base para o accordo entre a Santa Sé e o governo portuguez essa fixação e o provimento dos quadros capitulares, e não se tendo cumprido isto está comprometido o brio nacional.

(*Interrupção do snr. Neves Carneiro.*)

Posso afirmar ao illustre deputado que uma promessa feita pelo paiz, porque a fez o governo, constitue uma questão de brio nacional.

(*Interrupção do snr. Neves Carneiro.*)

Repito. Póde o illustre deputado classificar a omissão como quizer; eu declaro positivamente que é uma questão de brio nacional, porque é do brio nacional cumprir tudo aquillo a que se obriga o governo em nome do paiz.

Pedia portanto ao illustre ministro que sem rodeios e claramente se dignasse dizer-me se porventura está na resolução de dar cumprimento ao artigo 2.º da lei de 20 de abril de 1876.

Quanto á ultima pergunta. O illustre ministro conheceu de certo na universidade, como eu conheci, um dos mais distinctos professores d'aquelle estabelecimento scientifico o sr. D. João Crysostomo de Amorim Pessoa, que foi escolhido pelo seu muito sabor e virtudes para prelado na ul-

tramar e no continente, funcções que com elevado criterio e bom senso de sempenhou, e em que se tornou um dos mais respeitaveis membros do alto clero portuguez. Pois este distincto prelado acha-se actualmente sem remuneração alguma pelos seus brilhantes serviços! No orçamento do estado não ha uma verba qualquer, que signifique ao paiz a merecida e justa consideração pelos serviços prestados por aquelle illustre prelado, e foram tão relevantes e tão distinctos esses serviços que eu não careço qualificational-os aqui, deixando á intelligencia e á critica do nobre ministro essa qualificação! Mas, pergunto eu, querirá s. exc.º reparar essa falta, mandando consignar no orçamento do ministerio a seu cargo uma verba, que possa testemunhar, ao menos, não indemnisação, mas o não esquecimento de sacrificios soffridos por aquelle venerando prelado da igreja lusitana?

São estas perguntas, que faço ao nobre ministro da justiça, e se porventura as respostas de s. exc.º não me satisfizerem, hoje, ou em outra occasião, tomarei de novo a palavra para accrescentar o que julgar conveniente ao que por mim fica exposto.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Irmã da caridade

Hontem envolta em seda e velludos riquissimos, seduzia;  
hoje na estamena de um grossoiro habito, commovia!

Hontem na sala, erguia a loira fronte egregia, imponente;  
hoje no rosto baixo, e nas descidas palpebras, quão diffrente!

Hontem riquezas tinha, e usava um nobre titulo de marquêza;  
hoje é a madre Branca, e seus thesoiros unicos, a pobreza!

Hontem aos pés, joelhavam-lhe mancebos ebrios de paixão;  
hoje tem outra côrte, n'essa turba esqualida, que quer pão!

Hontem como rainha, nos salões esplendidos, dominava;  
hoje dos hospitaes, nos pallidos dominios, é escrava!

Hontem a morte dava, sua mão eburnea, inclemente;  
hoje do caldo a taça, inclina, com allivios, ao doente.

Hontem a sua bocca só fallava rubida, de paixão;  
hoje do moribundo, no estortôr colerico, diz: — Perdão!...



Hontem, por louco amor, das imprudentes victimas,  
ella ria;  
hoje no vil grabato, cerra no morto a palpebra,  
já tão fria!

Hontem ás horas mortas de uma noite fulgida,  
eis, valsava!  
hoje no estreito espaço de uma cella misera,  
ella orava!

Hontem diziam, vendo-a, nos seus côchets celeres:  
— Como encanta!  
Hoje ao passar nas praças, pelas ruas, tímida;  
— Como é sancta!..

Hontem baixellas tinha, e paços e familia,  
sem Jesus;  
hoje em Christo o amor, o pobre escapulario,  
e uma cruz!

Hontem teria, á morte, regias pompas fúnebres,  
e um labero;  
hoje as bênçãos do pobre, e a eternidade em gloria;  
hoje o ceo!..

Bemdicta a fé, que tem, á luz da penitencia,  
um baptismo!  
Oh salvadôra chamma, á beira de um naufragio,  
de um abysmo!

Bemdicta aquella voz, que á vida, infecto Lazaro,  
suscitou,  
e no archanjo impolluto, a alma em mancha, reprobã,  
transmudou!

Bemdicta a flor celeste, as meigas complacencias  
do Senhór,  
que o reu da culpa chama aos gloriosos vinculos,  
pelo amor!..

.....  
No mac-adam passando, ao vê-la, á tarde, oh impio  
não sorria;  
mas desobre-te á martyr de profundas magoas,  
de agonias!..

1882.

*Mattos Ferreira*  
prior em Cintra

GRACIA  
OU A CHRISTÃ DO JAPÃO  
LIVRO II  
A PERSEGUIÇÃO

CAPITULO XV  
A conversão

**M**ais de um mez é passado depois da conferencia de Gracia com o Irmão Vicente. Mirka já se não chama assim; na pia baptismal mudou seu nome pelo de Maria; ou melhor, antepol-o a seu primeiro nome, porque agora até os mesmos idolatras lhe chamam Maria Mirka.

A agua regeneradora fez da formosa alma da joven um verdadeiro prodigio de santidade, adornando-a com assombrosas e copiosissimas graças. A caridade, a piedade, a doçura augmentaram acresceram n'ella d'uma maneira tão prodigiosa, que Maria é o exemplo dos fervorosos christãos de Osaka. Todos lhe chamam a santa; todos a elogiam;

todos se assombram e espantam de que flor tão bella e mimosa ande exposta aos furacões e tormentas do mundo.

O que, porém, mais se ha desenvolvido em Maria Mirka é aquelle zelo pela conversão das almas, de que deu evidentes provas desde o momento em que sentiu em seu coração as influencias da divina graça.

Seu amor a Jesus, mais ardente e mais expansivo desde que tem a dita de receber-o diariamente na Eucharistia, impelle-a e como que a arrasta sem cessar a buscar, a conquistar, a converter almas para seu Amado, ora com fervorosas preces, ora com inauditos trabalhos. Ella é em casa apostolo e missionario consummado; na egreja, espelho e exemplo de edificação para quantos a contemplam; e nos hospitaes, que tambem frequenta e visita, dá com sua caridade inexgotavel, sua affabilidade e sua paciencia, taes lições de virtudes christãs, que até os mesmos idolatras a admiram e veneram.

Sua vida teve uma transformação completa; nem se disfarça para ir á Egreja, nem sae somente quando as trevas da noite a impedem de ser conhecida. Para que andar occulta se precisamente o que ella quer é que todo o mundo saiba, que é christã? Em sua casa tem convertido a maior parte dos creados da princeza, a quem, do mesmo modo que anteriormente fazia com Rania e suas filhas, christãs já, ensina agora a doutrina. Os poucos idolatras que restam, vendo que a princeza nada diz, calam-se, ou se algumas vezes murmuram, empregam todos os cuidados e envidam todos os esforços, para que nada possa chegar aos ouvidos da senhora.

Quem unicamente contraria a Maria é Gracia; mas contraria-a, não oppondo-se a suas idas e vindas, a sua pregação e a seu apostolado, cousas em que lhe dá e concede toda e a mais completa liberdade, mas teimando em não baptisar-se e a não tomar sobre seus hombros o peso da cruz.

A princeza tem amindado muitas vezes as conferencias com o Irmão Vicente, a quem proclama o maior sabio de quantos hão nascido; aprendeu o catecismo admiravelmente; conhece a historia sagrada e a da Egreja tão bem como qualquer christão; deixou de ser incredula e athea mas; insiste em não querer baptisar-se.

Porque? é um mysterio, que nem ella mesmo comprehende. Sua intelligencia só encontra verdade, belleza e bondade nos dogmas christãos; seu coração não ama nem pôde amar já outra cousa mais do que a doutrina da Cruz, mas sua vontade hesita, fraquea, e não se sente com forças sufficientes para accetar e abraçar a religião do Calvario.

Talvez a detenha a idea de que quando voltar seu marido a despreze se a encontrar christã; talvez a espante e a aterre a lembrança de que lhe tiro os filhos e a repudie; talvez tema, dado o character terrivelmente zeloso do Jecundono, não achar piedade nem despertar compaixão em seu coração e ser condemnada á morte por seu marido; e é por isso que a princeza deixa a todos os seus ser christãos, mas não se converte.

E o caso é, que resa as orações christã, porque confessa que são mais bellas que as pagãos e tem uma cruz no seu quarto e uma imagem da Virgem, e até ensina a seus creados idolatras, como um missionario, quando lhe fazem perguntas acerca da Religião; quando, porém, Maria Mirka a excita para que entre na Egreja pela porta do Baptismo, responde-lhe invariavelmente:

(Continúa)

Versão do padre Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Cruz peitoral offerecida ao Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Goa, pe-  
los catholicos portuguezes

**N**A primeira plana do nosso humilde quinzenario damos a reprodução em gravura, da primorosa Cruz peitoral que, por iniciativa da redacção da «Ordem», os catholicos portuguezes offerecem ao Venerando Primaz do Oriente, como protesto contra as tyrannicas portarias do ministro da corôa, bastantemente afastado da Egreja para desconhecer o respeito devido a um Prelado respeitabilissimo.

A Cruz foi já entregue ao Revd.<sup>mo</sup> Dr. Almeida Silvano, que será o portador d'ella para Goa, juntamente com os protestos de respeitosa veneração dos catholicos portuguezes para com o Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Sebastião Valente.

O nosso collega da «Ordem» descreve assim a Cruz, de que é copia a nossa gravura:

«A cruz é toda de oiro, e mede de comprimento 0,<sup>m</sup> 15. D'um estylo elegante e primorosamente trabalhada prova ella que em Portugal vivem ainda as tradições artisticas da ourivesaria nacional que, nos tempos de melhores crenças, chegou a produzir verdadeiros prodigios, obras primas que ainda hoje são a admiração de nacionaes e estrangeiros.

A cruz tem duas hastas cujas extremidades, bem como as do corpo principal, são terminadas por uma peça

em forma de roseta. Cada uma d'estas rosetas é dividida, a partir do centro formado por um bello chaveiro de sete diamantes, em oito gómos ou folhas, em cada uma das quaes se acha cravada, a *ourela*, uma esmeralda, o que faz realçar o centro de diamantes que lhe fica superior.

As hastes e corpo principal são transfuradas (*gravura a buril aberta*) e assentam sobre a caixa da cruz, cuja tampa é esmaltada de verde esmeralda, o que é d'um bello effeito, pois se gosa a esplendida vista do verde esmeralda pelos interstícios da gravura. Um seraphim a ouro, muito bem gravado, serve de argola para o grillhão, tendo as azas cravadas a diamantes.

E' esta cruz, como todas as cruzes episcopaes, dividida internamente em pequenas separações para poder conter diversas reliquias, as quaes são defendidas por uma chapa d'ouro com charneira, na parte superior.

E' n'esta chapa que forma a parte posterior da cruz, que se encontra excellentemente gravada a seguinte dedicatória:

AO HEROICO

ARCEBISPO DE GOA

D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE

QUE PUBLICOU

A ENCYCLICA CONTRA

A MAÇONARIA

OS CATHOLICOS PORTUGUEZES

POR

INICIATIVA DO JORNAL

«A ORDEM»

Este primoroso trabalho é devido ao engenho artistico do acreditado ourives do Porto o snr. Caetano Barbedo Pinto, catholico decidido, portuguez de lei que tambem pela sua parte generosamente se associou á manifestação de sympathia dos catholicos portuguezes para com o illustre Primaz do Oriente. Aqui lhe consignamos os nossos sinceros agradecimentos.»

Damos os parabens ao nosso collegado de Coimbra e congratulamo-nos por ver que n'estes tempos de descrença e desrespeito para com os Principes da Igreja, ainda ha quem se levante para protestar altamente contra as demasias da Revolução atheia.

II

As festas da Paschoa

E' tudo festa, por toda a parte alegrias, geral contentamento nas casas, nas ruas, nos campos!

Todos dão as boas festas, compartham todas das alegrias que vão no ceu e na terra!

E' o tempo em que as familias se

reunem, que os ausentes voltam aos patrios lares, que os marinheiros aproam seus barcos ás praias onde tem a familia que os espera ansiosa.

A nossa gravura representa uma d'estas scenas alegres, indiscriptiveis, mas que todos sentem em todas as occasiões.

A terna mãe, a esposa querida do homem que affronta a furia dos mares, para ter a pequena familia na abundancia, regressa ao lar e ajoelhado diante da imagem da Virgem Santissima, beija soffrego o filho mais velho, enquanto o mais novo se desprende dos braços da mãe, pedindo tambem os beijos e as caricias do pae recémchegado.

Não é um quadro formoso, esse quadro que hoje offertamos aos leitores do «Progresso Catholico»?

E não reproduziu o pintor admiravelmente essa scena formosissima, que todos nós temos presenciado, quando uma pessoa da familia chega a casa depois de longa ausencia?

R.

SECÇÃO NEGROLOGICA



Dr. Bento Antonio d'Oliveira Cardoso  
(de Guimarães)

**N**O dia 12 do corrente o dobrar dos sinos na mór parte das torres d'esta cidade, espalhou a noticia de morte do Dr. Bento Antonio d'Oliveira Cardoso, o primeiro jurisconsulto da provincia, e um dos primeiros do paiz, como por todos era considerado, assim como era a primeira intelligencia d'esta cidade.

Sempre doente, e apesar do avançado em annos, sempre o encontramos em meio dos seus livros, de uma livraria que rivalisava com as melhores do paiz, especialmente em livros antigos e raros. Amigo de conversar, e como raro saia de casa, eram-lhe agradaveis os amigos que o visitavam, e nós que tinhamos essa honra, muitas vezes tivemos occasião de passar horas esquecido a escutar a conversa de tão judicioso e sabio homem de letras.

Rico, os seus haveres eram dos necessitados, que a todos soccorria, e por isso muita falta deve fazer á indigencia d'estes sitios.

Como advogado não levava dinheiro quasi a ninguém, e aos que levava era uma insignificancia. D'isto damos testemunho, porque o presenciamos centenares de vezes.

Afastado da politica nunca accceitou nada, porque só desejava viver descansado com os seus livros; mas quando um dia algum se lembrou de o propor deputado ás côrtes, os politicos da terra fizeram-lhe guerra medonha, e foi isto com certeza que o levou a desistir do intento em que estava de offerecer ao municipio a sua rica livraria.

Sem ruido nem apparato de festas o Dr. Bento Cardoso honrou com o seu saber a terra que lhe foi berço, as patrias lettras e o foro portuguez.

Deus tenha sua alma na gloria, é o que deseja quem foi honrado com a sua amisade.

A sua familia enviamos sinceros pesames, e a todos os leitores pedimos uma prece por alma do catholico verdadeiro e amigo do «Progresso Catholico» e seu leitor desde o 1.º n.º

Padre José Augusto de Almeida  
(de Alemquer)

Jacinto Homem de Sá da Costa Cardoso  
(Celorico da Beira)

Padre José Martins Galado  
(Anadia)

Padre Bento Marques Garcia  
(Alcoutim)

Successivamente nos tem trazido o correio a noticia do fallecimento d'estes quatro assignantes e amigos da nossa Revista, acontecido em diferentes datas.

Sem outro conhecimento d'elles mais do que o de serem assignantes do «Progresso Catholico», não sabemos que outra coisa fazer que patentear o nosso sentir ás pessoas de familia, e pedir a todos os leitores as costumadas orações por alma dos finados, para que Nosso Senhor as receba como suffragios que lhe limitivem as penas.

De joelhos, pois, leitores, e orae por todos estes nossos irmãos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

**T**IVEMOS a visita dos exc.<sup>mas</sup> srs. Antonio José Rodrigues Ferreira e Antonio da Silva Mendes, visita que muito estimamos e agradecemos.

Fomos lembrado por S. Exc.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve, para recebermos a Pastoral que S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> dirigiu aos fieis que ao seu cuidado paternal estão confiados, recomendando-lhes o jubileu concedido por Sua Santidade na *Encyclica* de 22 do dezembro passado, e dando as necessarias instrucções para bem o alcançarem.

Muito agradecemos a S. Exc.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> um tal mimo, porque é um mimo d'al-

ta valia tudo que nos mostra a piedade e a alta eloquencia de tão venerando Prelado.

Sentimos, porém, não a tornar conhecida de todos os leitores da nossa Revista, porque com isso prestaríamos um grande serviço á Religião e ás lettras patrias. Um dia, quando nosso Senhor nos ajudar a tornar a nossa publicação semanal, ou pelo menos a dar-lhe mais paginas em cada numero, abriremos uma secção especial para n'ella archivar todas as pastoraes do respeitavel e venerando Episcopado de Portugal.

Por enquanto só podemos agradecer as graças recebidas e apontar aos catholicos esses monumentos da litteratura sagrada, com que o Episcopado catholico está diariamente dando provas do seu saber e de seu autor e submissão aos decretos e ensinamentos do Vigario de Jesus Christo.

No dia 4 do corrente celebron-se com a pompa devida a sagração do Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Francisco Maria de Sousa Prado de Lacerda, bispo titular de Nilopolis, ha pouco nomeado coadjutor e futuro successor do venerando Snr. Bispo de Angra.

A cerimonia (diz um periodico de Lisboa) foi celebrada com toda a pompa e rigor liturgico. Foi sagrante S. Em.<sup>a</sup> o Senhor Cardeal Patriarcha, cuja voz sonora, gravidade e mestria das ceremonias sagradas dão um notavel relevo e magestade a estes actos do culto já de si magestosos e imponentes e cheios de unição religiosa.

Os Prelados assistentes foram os exc.<sup>mos</sup> Arcebispos de Mytilenê e Perga. Ao solio patriarchal assistiam como ministros os rev.<sup>mos</sup> Conegos Cabral e Napoles e presbytero o rev.<sup>mo</sup> Chantre e presidente do cabido. E serviu de principe ao solio o nobre ministro da justiça.

A cerimonia foi dirigida com a maior gravidade e sciencia pelos dois habeis mestres de ceremonias do solio patriarchal os muito Revd.<sup>os</sup> Padres Mestres Polycarpo e Duarte.

Em poucas solemnidades temos visto tanta gente como a que no domingo assistiu na Sé á Sagração do novo Bispo; além da multidão de povo que enchia o grande templo, estavam muitos representantes da nobreza; entre outros, recordam-nos ter vobreo: os exc.<sup>mos</sup> condes da Redinha, de S. Martinho, de S. Vicente, d'Atalaya, do Belmonte, da Praia da Victoria, visconde da Bella Vista, Agostinho Ornellas, D. Miguel Pereira Coutinho e outros que seria longo enumerar.

O novo bispo estava muito commovido, e por vezes as lagrimas lhe orvalharam as faces. No fim da cerimonia foi servido um abundante e opipa-

ro *copo d'agua* n'uma sala capitular.

D'aqui felicitamos, com o respeito e veneração devidos, o novo Prelado, pedindo ao Senhor faça que a sua missão nos Açores, seja em tudo a continuação dos grandiosos serviços prestados á diocese d'Angra pelo actual Prelado, como é de esperar do nobre caracter e espirito religioso que tanto tem distinguido o novo apostolo.

Foi agraciado com o honroso titulo de Prelado domestico de S. Santidade o Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Santos Viegas, dignissimo Prior dos Martyres, em Lisboa.

Congratulamo-nos com a distincção com que á Divina Providencia approuvo galardoar os serviços prestados por S. Rev.<sup>ma</sup> a quem damos os parabens mais sinceros.

O venerando e virtuoso Prelado da Madeira, Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel Agostinho Barreto, prégou na passada Quaresma as conferencias na sé cathedral.

Um Bispo no pulpito é o verdadeiro apostolo ensinando aos povos as verdades do christianismo, e por isso muito nos compraz dar uma tal noticia.

S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, espirito esclarecidissimo e piedoso, tratou de varias questões de alta importancia, não sendo das somemos a de que se occupou na segunda conferencia de que nos falla a *Verdade* nos seguintes termos:

«N'este segundo domingo fallou ao seu numerosissimo auditorio do dever da esposa quando se apercebia de que um novo ser residia em seu seio—uniu a voz da religião á voz da sciencia. Fallou tambem n'esta parte do dever do marido, do dever de respeitar o estado da consorte. Depois, acompanhando a creança nos primeiros tempos da sua existencia, traçou os deveres reciprocos do pae e da mãe para dirigirem convenientemente aquelle ser que Deus lhe deu, fallando n'esta parte, principalmente, do dever que incumbe á mãe, podendo, de amamentar seu filho e não ir entregal-o nos braços mercenarios d'uma ama para receber alli o leite madrasto, tantas vezes transmissor de maelostias phisicas e enfermidades mortaes—Aqui uniui de novo a voz da religião á voz da sciencia.»

Transmittin-nos o *Catholico*, a grata noticia de que já se achava em Angra do Heroismo a Cruz peitoral que os catholicos portuguezes offereceram ao Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo d'aquella Diocese, por iniciativa da *Cruz e Espada*, de Braga. Eis a noticia:

«Já se acha em poder da exc.<sup>ma</sup> commissão, que n'esta diocese colligiu offertas para se fazer uma solemnidade

monstração, em nome dos catholicos portuguezes, ao nosso venerando Prelado, a preciosa cruz peitoral—que a illustre redacção da *Cruz e Espada*, como iniciadora d'aquelle publico testemunho de admiração e affecto, mandou executar pelos melhores artistas do continente. A cruz é lindissima e muito rica estando trabalhada com todo o primor e perfeição.

Fica sendo um monumento da gloria para o venerando Prelado dos Açores, e ao mesmo tempo um testemunho eloquentissimo da fidelidade e amor com que os catholicos portuguezes se acercaram dos verdadeiros successores dos Apostolos, que foram injustamente censurados por cumprirem religiosamente as ordens de Sua Santidade, sem offenderem, nem de leve, as leis do seu paiz.

Gloria aos catholicos portuguezes que souberam comprehender a sua posição».

Fique sabendo o ministro das portarias que os catholicos portuguezes não deixam passar sem protestos os insultos feitos aos representantes do Vigario de Jesus Christo.

Em resposta ao que n'este lugar publicamos como agradecimento dos parochianos da freguezia de Nossa Senhora da Graça, de S. Thomé, ao seu dignissimo parochio o muito Revd.<sup>mo</sup> Snr. Padre Firmino Lopes de Figueiredo, publicamos o seguinte que S. Revd.<sup>ma</sup> nos enviou para tal fim:

#### «SIGNAL DE GRATIDÃO

Firmino Lopes de Figueiredo, Presbytero, Missionario portuguez ultramarino, Coadjutor Encarregado da freguezia de Nossa Senhora da Graça da cidade e diocese de S. Thomé, vem por este meio, na impossibilidade de o fazer por outro, dar um publico testemunho de quam grato lhe foi o manifesto que os seus parochianos lhe endereçaram por occasião de haver terminado as obras que emprehendera na Capella da Misericordia, hoje servindo de Igreja parochial, e tanto mais penhorado se considera pelo referido manifesto, quanto esforços por elle empregados para prevenir que a Igreja caísse em ruinas, é sua convicção, que unicamente tenderam para o cumprimento dos seus deveres.

A todos os parochianos da freguezia de Nossa Senhora da Graça, e com especialidade aos promotores e signatarios do manifesto, assim como aos Exc.<sup>mos</sup> Redactores do «Progresso Catholico» o seu affecto e gratidão pelas honrosas e amaveis expressões que se dignaram dirigir-lhe, sentindo não poder deixar

assignalado por uma obra util, estavel e permanente, cada dia da sua missão.

Com tudo, enquanto Deus lhe conceder vida e saúde, esforçar-se-ha por unir em seu coração e affervorar no de seus semelhantes o amor de Deus e da briosa nação portugueza.

Fevereiro de 1886.

Findaram as conferencias que em todas as sextas-feiras da Quaresma se fizeram na igreja dos Santos Passos, d'esta cidade.

Foram conferentes, na 1.ª sexta-feira o Revd.º Prior do Mosteiro do Souto, que fallou da Caridade, com o saber e piedosa unção que tanto o caracterizam; na 5.ª o joven Sub-Diacono Manuel Lopes Martins, que desenvolveu admiravelmente o programma que se propoz demonstrar, com a suavidade de sua linguagem e com os dotes de uma intelligencia já provada; na 6.ª o Rev.º Padre Abilio Augusto de Passos, parochio cura da Oliveira, que em estylo aprimorado, de que sabe usar, fallou do suicidio.

A estes nossos amigos damos os parabens pelo feliz desempenho.

A's outras não assistimos.

Na 5.ª dominga, e na fórma dos mais annos, saiu da mesma igreja a procissão dos Passos, que é uma das melhores que aqui se fazem, ainda que tem perdido a sua maior grandeza, o seu mais alto esplendor, que lhe dava a respeitabilissima corporação do Cabido da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, reduzida hoje a 3 conegos, de 28 que antes tinha!

A procissão é rica de alfaias de custoso preço, abrihantada com numerosos grupos de *anginhos*, e a irmandade prima na ostentação de luxuosos habitos, o que dá a esta solemnidade um aspecto magnificamente pomposo; mas o que esta procissão fazia, grande, magestosa, imponentissima, era o Cabido, porque era uma cousa de Guimarães, que só ella tinha depois das sedes de Bispado, que ninguem podia obter ainda á custa de milhares de contos.

Os conegos, com os seus ricos mantos de seda, sobre que caíam alvissimas mursas de arminho, é que seguravam as varas do palleo, e os restantes levavam o Santo Lenho e formavam alas adiante do palleo.

E' isto o que falta, e por isso dizemos, que a solemnidade dos Passos tem perdido muito do seu esplendor.

O que nos admira é que ainda nenhum politico da terra se lembrasse de que a suppressão da Insigne e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira,

é um dos maiores insultos arremessados ás facas de Guimarães, insulto que collocará esta cidade, na ordem religiosa, a par de Fafe, ou de qualquer villota de nenhuma importancia.

Ainda assim é digna de louvor a meza da actual irmandade dos Santos Passos, pelas pompas que destende n'esta festividade, louvores que jámais lhe regatearemos.

A procissão recolheu em S. Francisco, onde teve lugar o sermão do Calvario, feito pelo nosso amigo Revd.º Reitor de Mascotellos, uma das intelligencias e das mais salientes do nosso clero, sermão que não podemos ouvir, porque a igreja, apesar de espaçossissima, não importava a decima parte do povo que estacionava em frente do templo.

A festividade das Dores em S. Francisco foi feita este anno com o esplendor e imponencia dos mais annos, apesar de correr tudo sob a direcção da Meza da Veneravel Ordem Terceira, que mais uma vez mostrou a boa vontade de que está animada para fazer entrar aquella casa importantissima no bom caminho.

A igreja achava-se elegantemente adornada, a orchestra, dirigida pelo nosso amigo Padre Eugenio da Costa Araujo Motta, enchia a torrentes o templo de harmonias e o orador, o Revd.º Dr. Prophirio, que para esse fim viera de Coimbra, arrebatou o auditorio com a sua eloquencia.

Foi uma festividade digna d'Aquella em honra de quem era celebrada e que muito honra Guimarães.

E' curiosa a noticia que nos dão alguns jornaes ácerca das ultimas eleições de Valencia, Hespanha.

N'uma das urnas appareceu uma lista que foi lida entre bravos, como era de esperar, que dizia assim:

«Voto por Satanaz, para que leve para as profundas do inferno todos os *negociantes* politicos que causam a ruina da minha patria.»

Ora aqui está o primeiro cidadão que votou segundo a sua consciencia. Nós aconselhavamos a todos os leitores, que em todas as eleições, desde as de juntas de parochia até ás de deputados, votassem como o tal politico de Sevilha. Não dizemos que peçam a Satanaz que leve os politicos para as profundas do inferno, mas para alguma parte onde estejam afastados dos negocios publicos.

E o povo ha-de chegar a esta perfeição em negocios de eleições.

Um jornal de dez reis, do Porto, dizia ha dias que no presidio militar da devisão se tem dado casos de alienação mental, mas esqueceu-se de nos dizer o que motivava esses casos.

Já passou a mania aos jornaleiros de dez reis, de attribuir taes casos aos missionarios.

Não pegou a moda.

A mania dos desgraçados de que falla a «Actualidade» é de que os querem envenenar, que em toda a parte os querem matar, etc., etc.

Não será esta mania produzida pela maneira como os jornaes de dez reis propagam noticias de assassinatos, envenenamentos, suicidios, etc., etc.?

Quer-nos parecer que é esta e não outra a causa, e por isso nos devemos abster da leitura de taes jornaes.

J. de Freitas.



Aos que podem

**A** PROVEITANDO-NOS do tempo em que estamos, pedimos aos leitores e amigos do «Progresso Catholico» alguma cousa do que lhe sobre, em memoria da Resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mais santo emprego não teve ainda nada do que se tem dado pela caridade.

Duas senhoras de Traz-os-Montes, com uma firme vocação para a vida religiosa, não podendo no seu paiz satisfazer aos desejos de seu coração, pretendem, longe da patria, cobrir-se com o habito de Santa Thereza, e viver longe do bolicio do mundo.

Falta-lhe, porém, o bastante para satisfazer ás necessidades exigidas para a entrada na Ordem, e lembraram-se da caridade nunca desmentida dos assignantes do «Progresso Catholico».

Pedimos, pois, a todos os nossos amigos um pouco do que lhe sobre para juntarmos o bastante com que abrir as portas de um convento a duas desposadas de Jesus.

Sem sacrificio pôde o «Progresso Catholico» gloriar-se de contribuir para a prolissão de duas senhoras portuguezas n'uma Ordem religiosa estrangeira, que serão talvez, (quem o duvida?) os alicerces com que mais tarde se estabeleçam algumas casas no nosso infeliz Portugal.

Entre os leitores da nossa Revista ha quem possa muito, e por tanto sem sacrificio tudo se alcançará, porque se cada assignante subscivesse com 40 reis para esta obra pia, teriamos realisado os desejos das piedosas senhoras.

Venha qualquer quantia, que tudo recebemos, e iremos publicando por meio dos n.º que correspondem a cada assignante as quantias que formos recebendo, e depois publicaremos o recibo da quantia que entregarmos.

ESTÁ ABERTA A SUBSCRIÇÃO

Um amigo das Ordens religiosas. 45500